



Universidade do Estado da Bahia- UNEB
Departamento de Ciências Humanas- Campus IV
Licenciatura em História

MARA COSTA SANTANA

**A Contribuição do livro de literatura *Cascalho* para
compreender a cidade de Andaraí no século XX**

JACOBINA-BA

2018

MARA COSTA SANTANA

**A Contribuição do livro de literatura *Cascalho* para
compreender a cidade de Andaraí no século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em História da
Universidade do Estado da Bahia- UNEB, como requisito
para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^a Caroline Santos Silva.

JACOBINA- BA

2018

MARA COSTA SANTANA

**A Contribuição do livro de literatura *Cascalho* para
compreender a cidade de Andaraí no século XX**

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professora. Dr. Caroline Santos Silva – Orientadora
Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV)

Prof. Dr. Jackson André da Silva Ferreira – Examinador Interno Titular
Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV)

Prof. Ms. Thiago Machado de Lima – Examinador Interno Titular
Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV)

Dedico esta monografia a minha família, que me ensinou que o caminho para o sucesso era a partir dos estudos, com simplicidade e carinho me guiaram para o caminho do bem, e o meu filho Otávio que foi mais uma razão para dar continuidade aos meus estudos e a todos os meus professores que contribuíram ao longo da minha educação escolar para meu crescimento e aprendizagem dentro da Universidade.

AGRADECIMENTOS

Para que eu chegasse até aqui agradeço primeiramente a Deus, que iluminou meus caminhos, dando coragem e força para ultrapassar todos os obstáculos, dando-me sabedoria para superar todas as barreiras e dificuldades enfrentadas durante o curso e forças para continuar.

A professora Caroline Santos, minha orientadora que acreditou na possibilidade da realização deste trabalho, pelo carinho, paciência e sugestões que foram preciosos para a concretização desta monografia, a todos os membros da minha família que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa, meus pais, avós, meu filho, esposo, irmãos, tios, cunhadas, sogros, com eles compartilham a concretização deste trabalho que é um dos momentos mais importante da minha vida.

Esta instituição da (UNEB) que me possibilitou ampliar meus horizontes e a construir verdadeiras amizades, em especial minha amiga Daize Cunha e meus colegas de classe, agradeço a todos os professores do curso que contribuíram para a minha formação me guiando a continuar lutando para chegar até aqui com garra e coragem.

“A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de sua identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”.

Antônio Nóvoa

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma breve análise do livro de literatura “Cascalho” mostrando sua relevância para a história, e pensar na sua utilização como um instrumento didático que pode contribuir para o ensino de História. Uma vez que, a mesma pode proporcionar ao alunado o entendimento do período narrado, possibilitando a compreensão de uma sociedade a partir da narrativa, de maneira prazerosa e eficaz, levando os mesmos a perceber a importância que a história tem para a sociedade. Num sentido amplo, a literatura contribui para o entendimento da História, permitindo a todos os indivíduos a compreenderem a sociedade nas quais estão inseridos. A partir da análise das mesmas podemos chegar à compreensão de um passado e uma época inserida na narrativa. Por isso, esta pesquisa consistiu em analisar “Cascalho” para compreender um período histórico, principalmente no que concerne à compreensão da sociedade de Andaraí no século XX, a partir dos personagens fictícios. Este estudo contribuirá com informações relevantes para professores de história, que simpatizam em trabalhar de modo interdisciplinar, assim os docentes irão fazer com que os alunos fiquem motivados a entender a história a partir de suas realidades. Do ponto de vista prático, espera-se que este estudo direcionado a atualidade contribua no sentido de ampliar o conhecimento na área de história, assim, como também sirva como referência para professores e escolas o utilizarem a seu favor.

PALAVRAS- CHAVES: Literatura; Garimpo; Identities; Ensino de História.

ABSTRACT

This research aims to make a brief analysis of the literature book "Gravel" showing its relevance to history, reflecting on regional identities and think of its use as a teaching tool that can contribute to the teaching of history. Since it can provide the student with an understanding of the narrated period, enabling the understanding of a society from the narrative, in a pleasurable and effective way, leading them to realize the importance that history has for society. In a broad sense, literature contributes to the understanding of history, allowing all individuals to understand the society to which they are inserted and also makes possible to understand regional identities existing in literary narratives. From the analysis of the same we can arrive at the understanding of a past and a time inserted in the narrative. Therefore, this research consisted of analyzing "Gravel" to understand a historical period, especially in what concerns the understanding of regional identities. This study will contribute relevant information to history teachers, who sympathize in working in an interdisciplinary way, so that teachers will motivate students to understand the story from their realities. From a practical point of view, it is hoped that this study directed to the present day contributes to broaden the knowledge in the area of history, as well as also serves as a reference for teachers and schools to use in their favor.

KEYWORDS: Literature; gold mining; Identities; History Teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - O COTIDIANO DE TRABALHO NO GARIMPO.....	15
1.2 Coronelismo: Relações de poder no garimpo.....	19
1.3. As cidades do garimpo: transformações e contradições socioculturais....	24
2. CAPÍTULO II - OUTRAS RELAÇÕES CULTURAIS EXISTENTES NO GARIMPO.	
2.2 Religiosidade.....	30
2.3 Curandeirismo.....	36
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos sócio-históricos de parte da região da Chapada Diamantina a partir do romance de Herberto Sales “*Cascalho*” (1944). A obra faz referência a Andaraí¹, localizado na Chapada Diamantina, região em que esteve presente a exploração de diamantes e carbonatos. Neste cenário Sales traça o perfil de diversos personagens, o modo como os mesmos agiam e se comportavam no cotidiano da sociedade diamantífera.

Sales publica seu livro na metade do século XX, utilizando personagens fictícios para descrever o cotidiano da sociedade de Andaraí no início do século XX. Sua ficção é baseada na realidade desta região, onde os grandes proprietários de terras, conhecidos como Coronéis, exploravam e enganavam os garimpeiros da região que trabalhavam em suas terras. O autor evidencia na sua narrativa como os diferentes personagens estavam colocados no meio social, político e econômico do período.

Através dos personagens envolvidos procuro entender como se dava o dia-a-dia de trabalho dos garimpeiros, as vestimentas da época, religiosidade, relação com coronelismo, e o lugar social da mulher nestas regiões garimpeiras. Sales, em *Cascalho* (1944) utiliza suas experiências cotidianas para tecer as histórias de cada personagem do livro em questão. A obra é reconhecida pelos críticos desde a época de sua publicação, exatamente por abordar de maneira peculiar a rotina dos garimpeiros da Chapada Diamantina².

¹ Andaraí é um município do estado da Bahia, no Brasil, localizado na região central do Parque Nacional da Chapada Diamantina, com diversos atrativos naturais presentes, possuindo ainda, o rio Paraguaçu principal curso d'água permanente do nordeste que banha o município, e casarões Coloniais da segunda metade do século XIX. Este município localiza-se a 37 km a Sul Oeste de Vera Cruz, maior cidade dos arredores.

² Denominado Chapada Diamantina o lugar que passou a ter a alusão a abundancia do mineral, a exemplo de Andaraí, Lençóis, Igatu, Mucungê, Morro do Chapéu, Jacobina, entre outros.

Com base nos personagens e na análise de suas identidades culturais, procuro entendê-los a partir do contexto da sociedade desigual na qual viviam, confrontando com a realidade atual do século XXI. Segundo Burke as práticas culturais existentes em nossa época nos remetem há uma reflexão sobre como a vida se organizava no passado (2005, p. 154).

Sales através da ficção problematiza o contexto social do século XX destacando dores, alegrias, anseios, e a constituição das identidades naquele espaço. O romance pode ser utilizado tanto como fonte histórica quanto como instrumento didático pelos historiadores, tendo em vista que a análise da obra suscita o debate sobre uma determinada época forjada.

Segundo Roger Chartier (1990, p. 62-63) todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é uma representação do real, portanto o autor de ficções pode trazer referências sobre determinada época, mas essas referências se constituem em leituras e interpretações que os escritores fazem dos eventos. Segundo Chartier:

O teatro dos séculos XVI e XVII e o romance do século XIX se apoderaram do passado, de modo que deslocaram fatos e personagens históricos para a ficção literária, colocando em cena ou nas páginas situações que foram reais ou nas páginas situações que foram reais ou então que são apresentadas como real (2009, p. 25).

O trecho acima também revela que é possível utilizar a literatura nas aulas de história, pois a mesma mantém relação com a história, já que pode se utilizar do passado e dos personagens que fizeram parte de um determinado período. Por meio de obras literárias podemos refletir sobre o mundo ao qual estamos inseridos.

Nos dias de hoje, muitas razões contribuem para ofuscar esta distinção tão clara entre História e Literatura, a primeira é a evidência da força das representações do passado propostas pela literatura, outra razão é o fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica, de modo que algumas

ficções se apropriaram de técnicas da prova próprias da história a fim de garantir a ilusão de um discurso histórico (CHARTIER, 2009, p.25- 28).

De acordo com a citação acima, a literatura traz representações do passado, se apoderando de documentos e utilizando técnicas para manifestar o conhecimento histórico. Muitas narrativas literárias acabam utilizando técnicas da história para transmitir ao leitor um discurso acerca de um período histórico, mesmo que seja para transmitir uma ficção acerca de um determinado tema. Para o historiador Nicolau Sevcenko (2003, p. 28- 29) a literatura é um produto artístico que tem como finalidade agradar o leitor e até conduzir um discurso limitado, porque o autor pode inserir na obra reflexos das condições socioculturais do meio, cabendo ao pesquisador atentar para a intenção que existe na narrativa.

Segundo Machado, as obras alimentam a pergunta em torno das identidades, expõem esteticamente as marcas do humano, propõem a tensão com a existência e propiciam a arte em outras manifestações. A literatura compõe pela linguagem o âmbito das representações, práticas, da produção, da cultura, e concorre para produzir a realidade que focaliza.

A literatura, como a arte em outras manifestações, propicia ao humano ser, demasiadamente. Neste sentido é que verificaremos como o tema da identidade nas suas relações pode ser tratado como parte do debate sobre as representações que os sujeitos fazem sobre si e sobre o mundo. Alcançamos, então, a seara aberta ao modo de um recorte, para pensar o regional (MACHADO, 2017 p.131).

Para Pierre Bourdieu (1989) a relação literatura e identidade são convenientes, porque faz a arte literária participar da luta pelas classificações, princípios de visão e divisão, de consolidação dos modos de constituição da subjetividade sobre o que cada indivíduo constitui sobre o real. Bourdieu (1989, p.113) afirma que as lutas pela identidade regional e étnica fazem parte de processos engendrados de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer grupos.

A partir desta perspectiva, procurei analisar na obra “Cascalho” evidências das relações de trabalho e relações culturais existentes na sociedade de Andaraí no início do século XX. Sendo assim, este trabalho foi dividido em duas partes. O primeiro capítulo intitulado “O cotidiano de trabalho no garimpo” traz uma análise do ambiente insalubre aos quais os trabalhadores estavam inseridos, expostos a riscos de vida e à possibilidade de adquirirem doenças. As terras onde encontravam as pedras preciosas pertenciam aos Coronéis, detentores de poder na região. O garimpo forjou uma sociedade marcada pela desigual distribuição da riqueza gerada, portanto grande parte da população vivia em condições de miserabilidade.

No segundo capítulo intitulado “Outras relações culturais existentes: Religiosidade e Curandeirismo” são problematizados os costumes e tradições culturais consolidados na cidade garimpeira de Andaraí. Também analiso o catolicismo popular praticado pela sociedade, ao utilizar práticas de outras crenças mescladas ao cristianismo. É preciso reafirmar que a Igreja católica sobre a sociedade da época acabava interferindo na vida privada dos indivíduos. Por outro lado, as pessoas menos favorecidas recorriam à prática do Curandeirismo, representado por Sales na figura da Curandeira Sinhá do Ouro.

CAPÍTULO I

O Cotidiano de Trabalho no Garimpo

O Cotidiano de Trabalho no Garimpo

[...] do céu escuro, com a armação que houve de uma hora para outra, as águas caíram de uma vez, inundando catas, grunas, as águas tomaram o serviço todo, e os garimpeiros estavam trazendo um companheiro que morrera afogado, o coronel recebeu a notícia com naturalidade, os acidentes acabavam por tirar a morte qualquer sentido de surpresa [...] (SALES, 2011, p. 15-16).

[...] o rumor de água continua a crescer dento da gruna, Filo não acredita na possibilidade de salvamento, deixa se arrastar pela água, tenta em vão se erguer-se, mas a água já o impede de respirar, a água batendo de encontro ao teto, por fim encheu totalmente a gruna [...] (SALES, 2011, p. 318-319).

Sales inicia e finaliza o romance “Cascalho” trazendo a tona descrições reveladoras da vulnerabilidade em que os garimpeiros eram expostos no seu ambiente de trabalho. Constata que o trabalho no garimpo colocava em risco a vida do trabalhador, que tinha sua sorte determinada pelos rumos das águas dos rios. Por outro lado, o autor esboçou a naturalidade com que o Coronel se colocou diante destas situações, mostrando-se apático a qualquer notícia de tragédia entre seus funcionários. Aos garimpeiros que morriam não era dado o direito de um enterro digno com ritual. Essa situação é exemplificada pelo autor quando o mesmo descreve as condições precárias de sepultamento do garimpeiro Raimundo:

Se lembrem de que tem um caixão³ que serve a todo mundo [...] o velho João foi buscar, havia ratos, matou, vasculhou ali mesmo, chegou outro garimpeiro com recado do Cel. Germano, que o chefe pediu que mandasse a ferramenta do finado, ele morreu *devendo ao barracão*⁴, *a sepultura foi aberta no barranco, entre mamoeiras e pés de fedegoso* [...] (SALES, 2011, p. 38-39).

³ É uma caixa ou recipiente usada para transporte e sepultamento de restos mortais humanos.

⁴ A sociedade de Andaraí no final do século XIX a início de XX utilizava a expressão Barracão para denominar o que conhecemos como Armazém ou Mercado. Este comércio era dos grandes detentores de poder político e financeiro.

Não existiu preocupação por parte do chefe de encontrar a família deste empregado para lhes possibilitar o ritual fúnebre. A única preocupação apresentada pelo Coronel foi de pegar os instrumentos de trabalho que o finado utilizava, como única medida de quitar a dívida que o morto lhe deixara. Estes homens que morriam neste ambiente de trabalho não eram reconhecidos e muito menos respeitados nem no momento da morte.

Apesar da possibilidade dos garimpeiros adquirirem outras doenças no ambiente de trabalho, o autor descreve apenas as mortes ocorridas por conta das cheias dos rios, o consequente alagamento das minas de diamante. Sales não evidencia a ocorrência de outras problemáticas dentro do garimpo, talvez por desconhecer, neste período, o perigo que existia do adoecimento por inalação de poeira. Já os garimpeiros que ficaram enfermos durante suas atividades laborais no garimpo, atribuíam outras razões às doenças não diretamente relacionadas ao contato com a sílica⁵.

No início do século XX não existiam leis que garantiam o direito do trabalhador, muito menos que exigissem equipamentos de proteção nas áreas de risco no ambiente de trabalho. A possibilidade de prevenção se deu na metade do século XX com a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) que instituíram leis com o intuito de garantir os direitos e proteção do trabalhador, além do combate das doenças ocupacionais. No Brasil milhares de garimpeiros adquiriram a silicose. Sobre isso Farias (2008) ressalta o caso de uma Mina na cidade de Jacobina o processo de exploração do ouro em 1982.

[...] A representação de poder e fortuna construíram no passado, uma imagem da cidade de Jacobina associada a um lugar de trabalho e riqueza para todos, aos poucos está imagem foi sendo destruída por uma doença que lentamente afastava os trabalhadores do seu sonho, o ouro contrastava com a silicose,

⁵ Na legislação atual observa-se que para além dos acidentes nas minas, os trabalhadores poderiam adquirir doenças devido à inalação de agentes químicos, como poeira, e gases. Sobre isso Sara Farias argumenta que a Organização internacional do Trabalho (OIT) classifica adoecimento pelo contato com estes agentes, como uma doença ocupacional adquirida no ambiente de trabalho. Um dos agentes citados é a sílica que constitui de uma partícula mineral encontrada em pedras e em areias [...] (FARIAS, 2008, p. 114).

adquirida nas minas da empresa Morro Velho, causando medo e pavor aos trabalhadores e suas famílias [...] (FARIAS, p. 113).

Estes homens estavam mais vulneráveis a ter problemas de saúde do que outros trabalhadores. Além disso, a má alimentação como estratégia de evitar gastos também foi um fator influenciador para o enfraquecimento dos corpos desses indivíduos.

[...] Só interrompiam o trabalho para comer o churrasco por eles levado em duas pequenas latas de manteiga, logo voltaram às enxadas, dando início ao trabalho [...] (SALES, 2011, p. 101).

Para economizar a exemplo de muitos garimpeiros, Peba e Silvério não tomavam café de noite, substituindo-o por chá de capim-da-lapa [...] (SALES, 2011, p. 104).

Neste período, todo trabalho realizado pelos garimpeiros era manual; primeiro eles analisavam a área que poderiam encontrar diamantes, escolhiam o lugar e somente depois davam início às cavações. O processo era lento e desgastante, porque passavam o dia inteiro com as costas curvadas, cavando e tirando areia, até chegar o momento de lavar. Este modo de trabalho sem a tecnologia atual fazia com que utilizassem mais esforço do próprio corpo, porque não existiam neste período grandes máquinas para ajudar com o garimpo, tendo como instrumentos, enxadas, alavancas, carumbés⁶, ralos, brocas, entre outros.

Vários motivos induziram estes homens a tornarem-se garimpeiros nestas regiões, colocando em risco suas vidas. Eles foram atraídos para este ambiente pela subsistência, porque tinham a ilusão de conseguir dinheiro rápido, como o personagem Silvério. Silvério se sentiu obrigado a abandonar sua terra e sua família para procurar um modo de sustentá-los.

Silvério tendo sido obrigado a abandonar a roça que possuía, por causa da seca, deixara mulher e filhos, prometendo voltar logo que fizesse dinheiro, deixava para trás o sertão sem chuva, águas dos tanques virando lama, os campos cobertos por ossadas das criações. Seduzido pela notícia de garimpos fabulosos, dos seus diamantes, decidira tentar fortuna em Andaraí. Nos primeiros dias nas lavras queixou-se, - pensei

⁶ Carumbés era uma espécie de gamela ou vasilha cônica, em que se transportavam minérios para lavagem do cascalho de ouro ou diamante.

que esse negócio de garimpo fosse mais positivo, que era só chegar, cavar um buraco e encontrar diamante (SALES, 2011, p. 72).

Esta opção de trabalho era vista como uma oportunidade de ascensão social, de sair da miséria, e mudar de vida. Thompson argumenta que entender a experiência na vida de homens e mulheres passa pela compreensão do diálogo existente entre ser social e a consciência social, por meio disto entende-se a resposta mental e emocional de um indivíduo ou de um grupo (THOMPSON, 1981, p. 15-17).

Estes trabalhadores estavam submetidos a muitas horas de trabalho “só interrompiam os afazeres para comer, o que não demoravam muito, logo voltaram às enxadas, alavancas e carumbé” (SALES, 2011, p. 101). A grande maioria não era alfabetizada, isto fazia com que eles fossem enganados pelos Coronéis, em relação aos preços dos diamantes, que eram vendidos abaixo do preço, Por outro lado, pagavam mais do que realmente consumiam.

Sua conta no barracão é 160 mil reis Joaquim, abatendo 70 de sua parte no diamante, você fica devendo 90, se não for mais, é capaz de Peixoto ter deixado de tomar nota de alguma coisa (SALES, 2011, p. 35).

Os homens entravam no garimpo pensando em ganhar o necessário para a família e depois que conseguissem saíam da atividade. Mas, verificase que isto não ocorria. Depois que ingressavam, esqueciam-se dos projetos feitos e não pensavam no futuro da família em longo prazo. Grande parte dos garimpeiros acomodava-se com este meio de trabalho e outros ganhavam bastante dinheiro com a venda dos diamantes; o necessário para se estabilizar, mas acabavam gastando tudo com diversão nos finais de semana, cachaça e mulher.

Constata-se que este universo também estava atrelado à ganância e desconfianças entre os garimpeiros por conta das pedras. As suspeitas também permeavam as relações entre chefe e empregados, o que gerava muita violência, a exemplo da sofrida por Silvério. Seu chefe, Peixoto, o acusou de esconder diamante, causando-lhe situação de desconforto, injúria, vergonha, desonra, entre outros. Contudo, havia certa união entre os

garimpeiros, que durante e após o trabalho ajudavam-se, e também se identificam, pois possuíam os mesmos problemas financeiros que levaram a se submeterem a este trabalho.

De acordo com Thompson (1987, p. 10), o conceito de classe encontra-se relacionado com as experiências partilhadas pelas pessoas, o que resulta na formação de identidades e interesses comuns. Estas experiências são determinadas, pelas relações de produção e essa noção de pertencimento a uma classe surge ligada ao papel social, ocupado pelo trabalhador. Portanto, as identidades comuns dos garimpeiros se moldaram mediante as experiências divididas no meio em que viviam e trabalhavam, sendo que suas consciências atrelavam-se a memórias de uma classe inferiorizada e sem prestígios.

1.2 Coronelismo: Relações de poder no garimpo

A obra Cascalho também enfatiza as relações coronelistas existentes na cidade de Andaraí, no início do século XX, onde as terras encontravam-se nas mãos de poucos, sobretudo, sob posse daqueles que eram aliados dos Coronéis. Estes senhores além de possuírem grandes propriedades de terra, ainda detinham o controle da extração de Diamantes, eles gozavam grande prestígio político, influência social, e poder financeiro.

O coronel nomeava pessoas de sua confiança para garantir a justiça e a ordem da sociedade. Contudo a lei baseava-se na ideia de justiça com as próprias mãos. Sales mostrou que os detentores destes poderes cometiam frequentemente crimes de execução. Zé de Peixoto, ex- jagunço do Coronel enfrentou o chefe enquanto ainda trabalhava e feriu a moral de alguns indivíduos influentes, entre eles um juiz, um médico e o irmão do Coronel. Tal afronta fez com que o mesmo fosse assassinado pagando a sentença que lhe foi imposta. Conforme Rêgo, os coronéis eram chefes que:

(...) receberam da Guarda Nacional a patente pela qual passaram a ser conhecidos em troca da manutenção da ordem pública, realizada pelos seus jagunços ou pelos seus conterrâneos, ou ainda pelo fornecimento de soldados para as guerras empreendidas pelo Império Brasileiro no século XIX, o poder dos coronéis não se estabelecia com a concessão de

patentes pela Guarda Nacional, apenas se consolidava. (2008, p. 70).

Havia interesse do governo em criar na região um batalhão patriótico para lutar em batalhas caso fosse necessário. Herberto aborda o assunto ao tratar de “Quelezinho irmão do coronel germano recebera um telegrama do governador do estado convidando a ir a capital com urgência, para tratarem de assuntos relacionados a um batalhão patriótico no município” (2011, p. 301).

Este mesmo governo apoiou os Coronéis, dando-lhes legitimidade formal de um poder regional, que a partir de 1918, reconhecido por toda a sociedade que os viam como chefes, cabendo aos mesmos nomear aqueles que colocariam a ordem da cidade, a exemplo dos Juízes, do delegado, do major, entre outros. Uma vez nomeados, obedeciam a ordens diretas do coronel.

Aqueles que tentavam não seguir as leis da maneira correta eram perseguidos, como o Promotor Oscar que foi expulso da cidade por querer punir aqueles que cometeram o crime contra o ex-Jagunço Peixoto. A procura por justiça atrelada à honestidade deste Promotor, aguçava os demais políticos locais que viam seus interesses ameaçados, uma vez que, o mesmo não tinha alianças com o Coronel, e não aceitava a maneira como eram resolvidos os problemas na cidade. Antes de partir para Andaraí Oscar já sabia da imagem que a Capital possuía do interior, pois ouviu de seu antigo professor que “as terras que ia era terra de bandidos e que o sertão estava transformado num covil de bandidos, onde a justiça não valia nada” (SALES, 2011, p. 159-160).

Os conselhos recebidos pelo professor não foram suficientes para impedir que Oscar seguisse carreira na cidade. Logo, o mesmo vivenciou de perto a realidade, compreendendo que a justiça era um instrumento utilizado pela prepotência política, por isso, recusava-se a fazer alianças e estabelecer relações de amizade. Este motivo levou alguns grupos, que apoiados pelo Coronel Germano articularam estratégias para forçar o promotor a deixar a cidade, entendendo que necessitavam mais de apoio político do que da justiça.

A justiça era realizada do modo como achavam conveniente, com as próprias mãos, por isso, não aceitaram a presença do Dr. Oscar. As mudanças implantadas poderiam alterar os interesses individuais destes grupos, que enxergavam que somente o Coronel tinha o poder para resolver conflitos. Poder este que se justificava pela posse de enorme propriedade de terras, sendo empregador de grande parte da população nos seus garimpos, por isso acreditavam que a advocacia era necessária somente nos grandes centros urbanos. Pensar seu poder como absoluto ajudava:

A constituir a marca de um Coronel como líder de uma região, rico, poderoso, detentores de terras e poderes, mas, pode também levar a admitir que o nordeste fosse atrasado em relação às outras regiões desenvolvidas” (GALVÃO, 2010, p.22).

Porém, a imagem de um Chefe possibilitava a sociedade formas de administração, justiça, desenvolvimento que não eram garantidas pelo governo, uma vez que, o interior ficava distante da capital, cabendo ao chefe local possibilitar a sociedade a ordem e o desenvolvimento, lembrando que tudo que realizava era pensando em benefício próprio.

Outro personagem que aparece no livro para manter a ordem da sociedade é o Médico Marcolino, que possuía relações políticas com o chefe local sendo seu braço direito. O mesmo tinha como função escrever telegramas e resolver problemas de ordem pública; todos os problemas que ocorriam sem que o Coronel estivesse presente, eram levados para o conhecimento do Dr. Marcolino, que logo tinha que buscar soluções para os mesmos, a exemplo da execução do ex- jagunço Zé de Peixoto.

Em Andaraí as propriedades com Diamantes estavam sobretudo nas mãos destes senhores. Com propósito de possuir mais riquezas eles contratavam funcionários (garimpeiros) para explorar suas terras. “Léguas e léguas de serra lhe pertenciam por documentos passados em cartório, selados e garantidos por lei, que estavam guardados dentro de um canudo de folha de frades, que era como o seu centro de rei dos diamantes” (SALES, 2011, p. 19).

Grande maioria dos trabalhadores era atraída para este ambiente de trabalho em busca de oportunidade para conseguir dias melhores que viriam através do sonho do enriquecimento. Sales argumenta que os coronéis organizavam os garimpeiros em grupos:

[...] alugado⁷ ou diarista, era paga a diária, variando entre 1.500 a 2.500, outra metade era constituída por meia- praças⁸, pagos à base de 10 mil- réis por semana, aqueles que dividiam, uma vez abatido o quinto de 50% da venda dos diamantes, raramente eram admitidas sociedades fornecidas por estranhos, era o caso de Quelezinho e das de Dr. Marcolino, que exploravam faisqueiros, de modo geral o coronel não se interessava pela cobrança do quinto, que lhe dava direito a 20% sobre o produto extraído por qualquer sociedade em seus terrenos, preferia garimpar só, ressaltando seu duplo direito de dono de serras e de fornecedor (SALES, p. 21).

Tendo em vista a classificação acima, percebemos como os Coronéis se colocaram diante do processo de garimpagem, com estratégias de exploração de suas terras, e divisão dos trabalhadores. Aqueles que trabalhavam como alugado ou diarista recebiam dinheiro todos os dias com a diária, se achassem um diamante não poderia ficar com ele. Enquanto que os *meia-praças* eram a grande maioria, trabalhavam e quando achavam diamante tinham que dividir com o dono das terras onde garimpavam, recebiam por semana, e tinham que pagar o quinto, uma espécie de imposto que devia ser pago ao dono das terras.

Os meia-praças mediante o acordo firmado com os senhores, donos dos garimpos, só podia vender as pedras preciosas para os mesmos, porque era uma maneira de comprar os diamantes abaixo do preço, conseguindo assim maiores lucros. “Para o coronel ganhar dinheiro era como um hábito, uma espécie de necessidade insaciável” (SALES, 2011, p. 307). Os coronéis

⁷ Alugado trabalhador que recebia por diárias, em caso de encontrar diamante não tinha direito a ele.

⁸ Meia-praça constituída pelo garimpeiro e seu fornecedor, que tem papel de sócio capitalista. Nome dado ao garimpeiro submetido a esse tipo de contrato de trabalho.

abatiam 20% do valor do quinto⁹, parte como dono da serra¹⁰ e metade como fornecedor¹¹ da área de exploração. Acontecia também de serem descontados os valores que os trabalhadores deviam com gêneros alimentícios fornecidos pelo coronel “fiado”¹²; as dívidas eram pagas após a venda dos diamantes encontrados.

Em um diálogo do coronel com um dos garimpeiros, Sales deixou evidente o abuso e desvalorização da mão de obra desses trabalhadores:

[...] Joaquim o diamante só vale 350 mil reis, abatendo os 20% do quinto, da minha parte, ficam 280 mil-reis, abatendo metade da minha parte como fornecedor ficam 140, dividindo com o seu sócio cada um tem 70 mil- réis, e sua dívida no barracão é 160 mil- reis, abatendo os 70mil- reis de sua parte no diamante, você fica me devendo 90mil- reis, deixe suas ferramentas aqui, quando você arranjar os 90 mil-reis venha buscar seus materiais, não posso perder com ninguém 90 mil-reis (SALES, 2011. p. 35-36).

O fragmento nos leva a pensar que o valor cobrado pelos Diamantes era abaixo do preço que estava no mercado, porque os senhores não se preocupavam com a vida financeira de seus contratados, muito menos com a qualidade de vida e com o trabalho exercido nos seus garimpos. Os senhores não se importavam quando tiravam dos garimpeiros tudo que tinham conseguido, se preocupavam somente com estratégias de retirar o máximo de dinheiro dos trabalhadores.

1.3. As cidades do garimpo: transformações e contradições socioculturais.

Observa-se que a descoberta de Ouro e Diamantes numa região provocava transformações na mesma, elevando o número da população,

⁹ Quinto ônus diamantífero cobrado pelos donos da serra sobre produto extraído em suas propriedades, geralmente 20%. Essa cobrança passou a ser de 10% com o código de Minas, de 1940.

¹⁰ Donos da serra eram os senhores, donos de terras diamantíferas, tinham direito a receber 20% pelas pedras extraídas em suas propriedades.

¹¹ Fornecedor aquele que fornece alimentação e ferramentas ao garimpeiro em troca da “meia-praça”.

¹² Fiado significa a venda ou compra feita a crédito, a prazo, sem precisar pagar nada na hora da compra. Aquilo que foi confiado a outra.

mediante a chegada de homens e mulheres pobres, atraídos pela ideia de enriquecimento atrelado aos garimpos. Estes indivíduos deixavam para trás suas regiões e partiam para outro território a procura de um futuro melhor.

As condições de vida nestas regiões rurais levavam estas pessoas a buscar oportunidades de subsistência em outras cidades, lugares que ofereciam melhores condições de vida. Também os sertanejos levados à migrar para outras regiões submeteram-se ao garimpo, sendo atraídos para este meio por conta das condições climáticas que estavam vivenciando em suas regiões. A seca ocasionou a perda das criações de gado, agricultura de subsistência e até mesmo escassez de água para beber.

Sales narra o processo de ocupação da cidade destacando que “crescia e estirava suas ruas de casas de palha por onde antigamente era mato fechado, um lado do barranco continuava despovoado” (SALES, 2011, p. 70). As construções de taipa e telhado em palha eram as moradias destes indivíduos que estavam numa região desconhecida. Grande parte destas pessoas eram garimpeiros com suas famílias. Contudo também se estabeleceram ali as mulheres damas, atualmente conhecidas como prostitutas. Todos com o mesmo propósito, adquirir melhores condições financeiras. As construções destas casas eram feitas com materiais que encontravam no terreno, e possuíam no máximo três cômodos, com quintal pequeno, suficiente para plantar as hortas e criar galinha. Essa forma de organização resultou no surgimento de novas ruas.

Martucci (1990, p. 16) coloca que a casa é o físico, dependendo do que a casa oferece ao ocupante, denomina-se como moradia. Ele associa a ideia de infraestrutura da casa com o conceito de habitação, e habitar representa ocupar o território urbano, dependendo das características. Com base nisto, uma moradia depende da relação que o ocupante tem com a casa, e o que a mesma oferece ao morador. Entretanto, podemos refletir sobre as condições de moradias dos garimpeiros, problematizando o uso dessas habitações que inicialmente tinham um caráter temporário e ao longo do tempo se tornaram

permanentes, contudo essa mudança não alterou a inexistência de infraestrutura a que se submeteram os trabalhadores.

Estes garimpeiros não encontravam no final do dia um mínimo conforto nas moradias, inclusive em termos de higiene básica. Após um árduo dia de trabalho sem descanso se dirigiam a “ranchos, com paredes de palha de pindoba, com camas de vara, chamada “sessenta ripas” com duas bocas de frente, havendo três divisões por parede de palha, nem todos tinham cobertores, esteiras” (SALES, 2011. p. 96- 107). Não possuíam bens básicos do cotidiano doméstico, “não tinham pratos de comer, tudo era no improvisado, utilizavam os carumbés como pratos para comer” (SALES, p. 102).

Observa-se que as moradias dos detentores de posse e prestígio localizava-se no centro da cidade, e possuía uma boa infraestrutura. Encontravam-se também sobrados, casarões rodeados de janelas, com telhas de cumeeira e entrada lateral, e casa com mobília necessária. O Coronel, por exemplo, possuía casa no centro e na fazenda, onde residia com sua esposa, sendo sua casa avarandada baixa, apresentando sinais de atividade agrícola, roças de mandioca e milho, tudo isso indicava condições de vida diferente da do garimpo. Em volta do casarão encontravam-se “meia dúzia de ranchos de palha que era morada dos trabalhadores, entre jiraus e troncos de árvores cortados” (SALES, p. 287).

O escritor descreve a praça e a presença de lojas que eram iluminadas com acetílico¹³, outras com bojudos candeeiros pendentes do teto. Segundo ele, o lampião da esquina mal chegava a iluminar um pedaço do passeio e a porta de entrada, evidenciando a inexistência da luz elétrica, embora, mesmo com a precariedade da iluminação, as pessoas andavam a noite nas ruas da cidade de Andaraí.

Vale ressaltar que onde havia exploração de riquezas naturais é comum encontrarmos prostitutas, as mesmas eram atraídas para estes locais como alternativas de sobreviverem, pois encontravam neste cenário diversos homens

¹³ Acetílico; Lanterna a Gás acetileno, pendurada em postes.

solitários dispostos a se divertir para esquecer os problemas econômicos enfrentados pelas famílias.

[...] As mulheres prostitutas chegam a essa atividade pelas mais variadas razões, por acreditar que a atividade é lucrativa, por suas condições sociais precárias, por abandono e falta de apoio familiar, ou baixo nível de escolaridade [...] (JUNIOR, 2008, p. 01).

França (1994) diz que ser prostituta é “estar às vistas, a espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público, é a prática sexual remunerada habitual, é uma mulher que aluga seu corpo para atos sexuais sem amor” (BRAGA 1982. p.62). Para a sociedade estas mulheres não significavam nada, as mesmas tinha que enfrentar diariamente a sociedade machista e patriarcal, para sobreviver deste modo.

[...] E iam passando: adiante, as mulheres damas menos favorecidas os esperavam para lhes pedir um “centenário para o café”. Em toda a praça havia um assédio mútuo de gente interessada em dinheiro [...] (SALES, p. 229).

[...] às mulheres damas cercaram Filo: tratava-se de um homem disposto a gastar dinheiro! Até Helena, a de coxas provocantes, que andara com seu Quelezinho e recebera, no dia seguinte, um conto de réis dentro de um envelope levado pessoalmente pelo escrivão do civil, como se fosse ofício para o juiz [...] (SALES. p. 259).

Nas minas encontravam-se homens dispostos a gastar e a satisfazer os desejos nos finais de semana, com bebedeira e mulher, quando encontravam pedras valiosas. O valor cobrado por elas estava acima dos gastos dos garimpeiros, eles trabalhavam a semana inteira para ter relações com estas mulheres, caso contrário somente os homens de classe média da cidade conseguiriam pagar.

Submetidas a preconceito, violência física, doenças sexualmente transmissíveis e entre outros fatores atrelados ao modo de vida, observa-se a condição das personagens, Vitalina e Joana, desenhadas por Sales. Por serem estigmatizadas as mesmas eram identificadas a partir de outros marcos sociais, como a questão racial e sua aparência física. Sales se refere a uma

delas como Negra Vitalina, destacando sua cor a apresenta com atitudes imundas, já a outra meretriz é denominada como Joana Magra, ressaltando-se a aparência física degradante decorrente dos anos de trabalho como prostituta, trabalho este que acaba fazendo com que ela envelhecesse mais rápido.

Este tratamento depreciativo não aparece na narrativa referente aos possuidores de prestígio da sociedade. O que Sales queria deixar evidente era que a sociedade neste período não discriminava negros que ocupavam determinadas posições sociais, mas enxergavam de modo pejorativo mulheres e homens que carregavam uma condição de gênero, raça e classe. Neste sentido, podemos refletir sobre o processo de “embranquecimento” por conta da condição de classe.

Carrara (1996, p.16) aborda em suas pesquisas uma das temáticas principais que envolvia a prostituição. Ele destaca que na passagem do século XIX para o XX, até a década de 1940, a sífilis passou a ser preocupação de interesses múltiplos no Brasil, mobilizando vários setores sociais para conter a doença. Entre os setores envolvidos estavam a polícia que tentava implementar um projeto de normatização do espaço público; as feministas que rediscutiam a condição feminina e os papéis sociais; e os padres e pastores, preocupados com a salvação das almas dos fiéis e com a conservação da sua pureza moral.

Batista (2014, p, 108) argumenta que os caminhos da prostituição na Bahia extrapolavam a cidade de Salvador, estando presente também no interior como em Feira de Santana, Senhor do Bonfim, Juazeiro, Jacobina, entre outras. Em algumas dessas cidades se estabeleceu um comércio mineral durante o século XX, o que consequentemente também atraiu meretrizes, e nesse ir e vir, elas encontravam-se diversas vezes e estabeleciam laços de amizade.

Sales apresenta estas mulheres-damas interessadas somente no dinheiro adquirido pelos garimpeiros. Ele as vê como incapazes de nutrirem qualquer sentimento de amor por um homem, vistas somente como

estrategistas para arrancar dinheiro dos trabalhadores a partir da sedução e do sexo. “Silvério imaginando a possibilidade de ser explorado sentiu um ambiente de falsa intimidade, ela também soubera do carbonato e queria apenas o seu dinheiro” (SALES, 2011. p. 249).

A maioria dos garimpeiros não se preocupava como Silvério, pelo contrário, trabalhava durante toda a semana correndo risco de vida nas grutas e imaginando as noites de sábado para sair e gastar todo o dinheiro com bebidas e mulheres. Há uma passagem no livro que exemplifica a situação: “o movimento do sábado, com noites povoadas por garimpeiros e raparigas, com gente bebendo no balcão das vendas e a rufiagem¹⁴ soltas nas ruas” (SALES. p. 134).

¹⁴ Rufiagem, pessoas que gostam de festejar, divertir com amigos e mulheres, sem que se preocupar com que a sociedade pensa.

CAPITULO II

Outras relações culturais existentes: Religiosidade, Curandeirismo

Outras relações culturais existentes: Religiosidade e Curandeirismo

A partir da ficção de Herberto Sales, podemos perceber que tipo de relações culturais foram estabelecidas pelos indivíduos naquele contexto. Assim, é possível tecer uma reflexão sobre costumes, crenças, submissão e preconceitos vivenciados pela sociedade no início da década de XX na cidade de Andaraí. O autor Sales mostra estes costumes culturais a partir da religiosidade, especificamente da prática do Catolicismo tradicional e popular e do curandeirismo.

A partir disto identifica-se o meio social e cultural presente neste período patriarcal, tendo como base a maneira como os indivíduos agiam e se comportavam nesta sociedade de Andaraí, destacando seus distintos valores e o modo como foram consolidadas concepções sobre a Religião e Curandeirismo.

O livro *Cascalho* traz a simbologia e importância de Nossa Senhora, santa que todos tinham uma devoção especial, pois era a padroeira da cidade de Andaraí. Todos os anos era realizada uma festa em seu nome chamada pelos fiéis de Nossa Senhora da Glória. Esta manifestação cultural e religiosa favorecia a presença de diversas camadas da sociedade, “da esquina surge um grupo que se incorpora na procissão, mulheres de garimpeiros, Sinhá do Ouro, Sr. Quelezinho, Dr. Marcolino, o negociante Carregosa com a família, artistas ambulantes, mulheres da vida, joalheiros, mascates, jogadores e entre outros.” (SALES, 2011. p. 257- 262).

A festa religiosa possibilitava a presença de diversas camadas da sociedade, e também o encontro de diferentes identidades culturais neste

espaço urbano, sem contar que atraia pessoas de regiões vizinhas para prestigiar a festa. “(...) isto só foi possível, quando a religião oficial, baseada na ortodoxia e professada pelo clero e ensinada aos fiéis iletrados, incluíram elementos de outras práticas religiosas, assim, os folcloristas entenderam a religião popular como um conjunto de sobrevivências pagãs, superstições, gestos mágicos, imbricadas com traços de cristianismo” (COUTO, 2004, p. 41).

Segundo Galvão (1976, p. 31), os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios, mas para isso é necessário que o indivíduo cumpra com sua parte na promessa. Acredita-se que a proteção a uma comunidade se dará na medida em que todos os anos seja oferecida ao santo padroeiro uma festa em seu nome.

Segundo o pesquisador Fabio Mesquita, a maior expressão da religiosidade no catolicismo popular encontra-se no culto, na veneração aos santos, pois havia o costume de levar pequenas relíquias dos santos para os altares das igrejas e enfeitar o templo com pinturas ou imagens para lembrar os primeiros cristãos que nos antecederam na fé (2015, p.156).

As missas aconteciam na Igreja do Rosário, depois as procissões seguiam para as ruas, todas elas enfeitadas com bandeirolas; existia a preparação das mesmas para receber os fiéis. Mesquita afirma que não é necessário ter um padre para festejar um santo, fazer romarias, procissões, novenas, mas por outro lado o catolicismo popular não despreza a presença clerical, reconhecendo-o como sendo “padre do povo” tendo a compreensão clerical no catolicismo oficial (MESQUITA, 2015 p. 161).

A programação e o trajeto da festa para a padroeira Nossa Senhora da Glória, acontecia da seguinte forma em Andaraí: tinha início às 5 horas da manhã com a Alvorada nas principais ruas da cidade, com a “Aurora Musical Andaraense”, depois seguiam para a igreja para a 1ª Missa, com louvores de N. S. da Glória, posteriormente era o momento dos indivíduos se confessarem a Deus e comunhão geral.

Segundo bloco ocorria a partir das 9 horas, com a 2ª Missa e Sermão ao Evangelho. Às 14 horas eram realizados os Batizados, e depois seguiam pelas ruas com a Procissão Solene, neste momento temos a presença de todas as irmandades uniformizadas. Soltavam-se fogos de artifícios e entoavam-se hinos. Em seguida vinha à benção do SS. Sacramento.

[...] Quando o dia clareou- a “Aurora Musical Andaraíense” percorrendo a cidade de ponta a ponta, retumbando nos trombones matinais: caras estremunhadas apareciam às janelas para ver a banda desfilar fardada. As janelas estão cheias de moças, porque é de onde elas podem observar melhor os vestidos novos para no dia seguinte pedir o molde. Os foguetes estouram, o tabelião Romualdo arrasta ao peso do estandarte da padroeira [...] (SALES, 2011, p. 260-261.).

[...] A procissão entra na Rua da Ilha. O povo se comprime, porque a rua não é a praça! A rua é estreita, o que obriga a Aurora a sair de forma e a proteger seus instrumentos dos empurrões. O fogueteiro rompe perto da ponte. A procissão se espreme. Pisaram até no pé da velha descalça que cumpria uma promessa. Está perigando! [...] muitas pessoas preferiram ficar na ponte e esperar a procissão na volta a se exporem ao risco de amassar a roupa nova. A procissão anda- enchendo a rua como um rio, há risadas entre empurrões e pisadelas- o cheiro de suor do povo misturando ao da pólvora dos foguetes [...] (SALES, 2011, p. 262-263).

Verifica-se que a filarmônica ao percorrer as ruas da cidade com suas músicas, acordavam todos que aproveitavam e observavam de suas janelas o desfile. Esta ocasião possibilitava as meninas atentar para os novos modelos de roupas a serem copiados. Outros aproveitavam da situação para “bisbilhotar” a vida alheia, aqueles que cometessem algum erro sofriam com os falatórios. À noite após o fim da programação aconteciam os leilões que terminavam tarde da noite com:

[...] perus, galinhas, quartos de porco assado, bandejas de manga, pencas de laranjas, gaiolas de voador e fritadas cobertas de papel de seda, tudo constituindo um vasto leilão, com uma compacta massa humana em volta, estando presente a orquestra em todos os leilões de todas as festas religiosas. (SALES, 2011. p. 258).

Sobre isso, Bordieu (199, p. 46) destaca conceitos inerentes a respeito destas manifestações, ao argumentar que as festas, como; a procissão, o leilão, o baile em algum momento estão sob efeito consagrador, porque

estrutura um sistema de práticas religiosas e de representações, capaz de fazer parte das relações econômicas e sociais vigentes.

Para Jacques Le Goff (1993, p. 213 - 216) houve no medievo um “certo acolhimento” do folclore pela cultura clerical, isso foi possível devido às atitudes perante os milagres e culto às relíquias, e a necessidade de adaptação cultural para a evangelização. No século XIII, o clero sentiu a necessidade de falar a mesma língua dos fiéis, utilizar formas orais nas liturgias, cantos, sermões e passar a aceitar procissões, peregrinações a oratórios consagrados pelo povo e as funções pagãs atribuídas aos santos.

Portanto, como estratégica de conquistar toda a população, desde o século XIII o clero instituiu na sua cultura clerical, atitudes para se aproximar dos indivíduos, tidos como infiéis, utilizando representações culturais para evangelizar, passando a aceitar novas formas de transmitir o saber evangélico por meio de contos, liturgias, procissões entre outros.

Percebe-se, portanto, a influência da Igreja Católica na construção das regras da sociedade e das famílias tradicionais, estando evidente que somente era permitido casar-se virgem; a virgindade era um cristal que não devia ser quebrado a toa, possuía um valor moral, poderia ser barganhada para conseguir um bom casamento para beneficiar a família (FONSECA, 1997, p.529). As meninas namoravam sobre vigilância dos responsáveis, para não correr o risco de acontecer o ato sexual antes da hora, era permitido perder a virgindade somente depois da consumação do casamento, caso contrário está atitude fugia da moral regida pela igreja e pela sociedade.

Amelinha, filha do negociante Carregosa e também agente postal representava uma menina de classe média que seguia os padrões impostos pela sociedade de Andaraí. Ajudava seu pai no Correio, e fazia parte do coral da igreja, era muito elogiada na sociedade pela sua inteligência em interpretar documentos religiosos, considerados difíceis.

O seu mal estar fez com que seu pai se preocupasse e fosse a procura do médico D. Marcolino para verificar o que estava acontecendo com sua filha,

mas para a surpresa da família uma gravidez foi diagnosticada. *A priori* ninguém sabia que esta adolescente tivesse um relacionamento com Costa.

[...] Fique tranquilo. Não é nada não, Amelinha tem algum namoro? Trate de casá-la Carregosa, e o mais depressa possível, a pequena está grávida [...] (SALES, 2011 p. 193-194).

Neste período, quando a gravidez acontecia sem que a mulher fosse casada, evitam-se comentários e constrangimento casando-a o mais breve possível. Se no século XXI a sociedade ainda olha com estranhamento uma mulher grávida antes do casamento, imagine neste período extremamente rígido com os padrões ditados pela sociedade e pela igreja católica.

A mulher desde pequena era ensinada a cuidar da casa, do marido e dos filhos, enquanto o homem era ensinado a ser o chefe da casa e ditador de regras, aos quais as mulheres tinham que seguir sem questionar. A personagem Dona Santana é uma representação de uma mulher casada da época. Santana era submissa ao Coronel Germano que a enxergava como um homem vestido de saia, ele não sentia nenhum prazer pelo casamento, o via como uma prisão. Sales descreve Santana da seguinte forma:

[...] Ouvi um rumor de passos, voltou-se era d.santa, cheirando a fumaça de lenha, vinha dizer que o jantar estava na mesa, viu a mulher se afastar, em silencio, como uma sombra submissa, era alta quadris estreitos, e de costas como estava agora, sem mostrar os seios volumosos, só os cabelos soltos alteravam a insólita imagem de um homem vestindo saia, não sentia prazer o que dissesse respeito a aquele casamento [...] Fale com d.santa para providenciar um café para Quelezinho, momentos depois em que retirava as xícaras da mesa, d.santa voltou a ouvir a voz do marido e do cunhado, Santa! Quelezinho quer se despedir. (SALES, 1944, p. 290 a 297).

Percebe-se no fragmento que Santana era chamada por santa, e que sua imagem estava ligada aos comportamentos e “papéis” domésticos. Realizava os desejos do marido, cuidando da casa e do mesmo, agindo como os padrões da época estabeleciam, permanecia no relacionamento onde prevalecia o constrangimento e vergonha atrelada a traição do parceiro. Conforme Saffioti (1987) a sociedade é conivente com o adultério masculino, e

procura justificar a traição do homem atribuindo culpa à conduta da esposa. Portanto um homem que trai é tido como garanhão e namorador, enquanto a traição por parte da mulher é vista como inaceitável.

O Coronel Germano apesar do longo casamento com Santana não consegue ter filhos com a mesma. Contudo, este realiza seu desejo de paternidade com uma amante. O coronel avaliava esta situação como complicada, porque o filho era ilegítimo e levava uma vida de desonra, sendo filho de uma prostituta. A relação afetiva com o garoto se dava de maneira difícil.

A separação para Santa poderia ser uma alternativa, mas neste período supracitado existia uma forte crença na não dissolução do casamento, uma vez casada teria que viver para sempre com o marido. A relação sexual, com mais de um parceiro era mal vista. Fonseca afirma que as mulheres separadas sofriam pressão econômica e política quando tinham necessidade de um novo marido, por outro lado, existia condenação pela opinião pública de qualquer mulher que tivesse mais de um homem na vida. Ainda havia uma rivalidade masculina, pois a honra de um homem estava ligada, ao controle que exercia sobre a sexualidade feminina, sendo humilhante perder a mulher para outro, mesmo tendo abandonado o lar. (FONSECA, 1997, p. 525).

A submissão da personagem Dona Santana sobressai, pois a mesma seguia os padrões determinados pela sociedade de Andaraí. Simone Beauvoir faz uma crítica aos intelectuais que refletiram sobre as divisões sociais pautadas no gênero:

[...] os pensadores reacionários como Joseph de Maistre e Bonald, assentam na vontade divina o valor da ordem e reclamam uma sociedade rigorosamente hierarquizada: a família, célula social indissolúvel, será o microcosmo da sociedade. Bonald escreve, “O homem está para a mulher como a mulher para a criança, ou o poder com o ministro como súdito, as mulheres pertencem à família e não a sociedade política, a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas”. Sendo assim, o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem, o divórcio é naturalmente proibido e a mulher confinada ao lar [...] (BEAUVOIR, 2009, p.167).

As mulheres do Coronel viviam há algumas léguas de distância da cidade de Andaraí. Enquanto uma vivia na fazenda Santa Luzia, a outra na São Pedro. Pequena distância separavam as duas, mas o que as aproximavam era a obediência que ambas tinham ao coronel. Observa-se que Santana tinha conhecimento da traição de Germano, quando é posta em cena no momento em que seu marido fala sobre D. Nenzinha e o filho fruto da traição.

Vou para Santa Luzia, leve um cavalo para D.Nenzinha, o menino vai ficar com a avó, para Atanásia arrumo lá mesmo, amanhã seguimos para Andaraí, não vá esquecer de nada, voltou- se rapidamente para o lado a ver D. santa no alpendre e nada divisando além da rede armada no oitão, despediu-se e fez galopar o animal [...] (Sales, 2011, p. 298).

2.2 Curandeirismo

Sinhá do Ouro era uma figura muito importante entre os garimpeiros e entre as pessoas pobres, pois a mesma além de oferecer conhecimentos terapêuticos sobre medicamentos naturais também era exímia contadora de história para os garimpeiros. Há uma descrição sobre o episódio:

Sinhá do ouro sabia coisas e loisas, quando qualquer mulher caía doente, ela logo aparecia com seus chás, mulher parida que não podia comprar água Inglesa na farmácia, ela tinha aquela velha formula, a velha medicava as famílias dos garimpeiros com suas mulheres e seus filhos, enquanto os capangueiros e os negociantes, homens endinheirados da cidade ingeriam as poções receitas por Dr. Marcolino [...] (SALES. p. 77).

Na região garimpeira Sinhá distribuía entre os indivíduos marginalizados, que não podiam pagar por uma consulta médica e nem a comprar medicamentos, remédios naturais fáceis de serem encontrados na natureza para curar qualquer enfermidade. Está crença religiosa praticada por Do Ouro, era a solução que os menos favorecidos procuravam, porque ela não cobrava pelos seus conhecimentos e eles de fato acreditavam no efeito de cura dos remédios naturais, este método praticado neste período era muito comum.

Segundo Eneida Gaspar (2004, p. 127) esses benzedores utilizam apenas um conhecimento empírico sobre as ervas medicinais, sua intuição e força interior, sem compromisso com um rito religioso específico. Embora, percebamos que grande maioria das curadoras é da religião católica, tendo como expressão o catolicismo popular, que se esboça no culto e na veneração aos santos. Nesta perspectiva, Sales apresenta a personagem Do Ouro que “todos os sábados, o rancho de Sinhá lá estava com o seu cheiro de igreja [...] queimando incenso, com a sua vela de 400 réis alumando o pequeno nincho de Santa Rita, em louvor rezava aquela ladainha” (SALES, 2011, p. 79).

Do Ouro ajudou a disseminar a prática do curandeirismo¹⁵ como alternativa de cura para qualquer enfermidade. Para tanto, ela utilizava chás, garrafadas, banhos e rezas. A valorização desse conhecimento perpassa pela preservação da memória desta tradição cultural repassadas por gerações e gerações por aqueles que praticam está mesma crença, que tem raízes na cultura africana e indígena. Segundo Nikelen Acosta Witter (200, p. 1) as práticas do curandeirismo abarcam um número de saberes populares e de agentes da cura filiados as mais diversas tradições e culturas, tendo seu espaço legitimado junto aos doentes de corpo e de alma.

Os conhecimentos terapêuticos realizados pela curandeira¹⁶ eram vistos pelos grupos subalternos de Andaraí como eficazes, porque todos que a procuravam para tratar algum problema de saúde diziam estarem curados. Sales exemplifica a prática no seguinte trecho: “Tindô, sabendo que o filho mais velho estava com gonorreia, foi aconselhado por Filó Finança a procurar Sinhá para tratar o problema, recorrendo a curandeira a doença foi curada” (SALES, 2011, p.77-78).

¹⁵ O Curandeirismo é uma arte ou técnica na qual o praticante afirma ter o poder de curar, quer recorrendo a forças misteriosas de que pretensamente disporia, ou pela pretendida colaboração de deuses, espírito de luz, de animais, entre outros, envolvendo todo um conjunto de “rezas” e práticas de sacerdotes/ terapeutas, benzedores, pajés, médiums, pais de santo, entre outros nomes como tais praticantes são designados a depender da região e cultura local.

¹⁶ Curandeiro é o indivíduo procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial, mediante práticas de magias, rezas, benzimentos etc. na cura de determinadas doenças.

Apesar dos praticantes do curandeirismo não possuírem formação acadêmica, seus conhecimentos repassados por gerações são buscados por muitos como alternativas de cura. Esta, muitas vezes, é uma das únicas opções entre as pessoas pobres, embora pessoas de diversas classes sociais acreditem nessas formas alternativas de cuidado com o corpo adoecido.

Por séculos esta prática cultural foi desenvolvida na sociedade. Contudo após o avanço da ciência médica no século XIX, muitos praticantes desta cultura passaram a ser vistos como charlatões. Santos afirma que no Brasil após os anos 40 do século XX, sobretudo após a instituição do Conselho Federal de Medicina em 1945, reestruturado em 1957, houve demarcação de quem poderia exercer as profissões relacionadas à arte de prevenir ou curar doenças, nesse sentido o Estado ajudou a legitimar os poderes dos médicos, dos farmacêuticos, dos enfermeiros, entre outros, (2005, p. 418).

Hoje em dia, ainda encontramos pessoas iguais à Sinhá do Ouro, mas algumas são vistas na sociedade como oportunistas, por oferecerem algo que não é comprovado cientificamente.

A partir da perspectiva do livro *Cascalho* podemos perceber que D. Sinhá tinha um papel fundamental no que concerne às lembranças históricas do período e a relação que a personagem manteve com os garimpeiros. Em muitos trechos são ressaltados suas vivências nas Lavras do garimpo.

[...] Vida dura foi a de 99 vocês não são capazes de avaliar, vi muito pai de família ganhando 400 reis por dia, diamante foi vendido até dois tostões o grão, vi muita menina virgem, trocada por um quarto de rapadura, era uma miséria horrível. O senhor Durães pagava os melhores preços, não sei como aquele dinheiro pode acabar tão depressa, o homem ficou sem credito no comércio, até fome a família passou, encontraram ele duro no quarto, as filhas se perderam [...] (SALES. p. 83-85).

De acordo com a citação, nota-se que Sinhá presenciou muitos acontecimentos no decorrer de sua trajetória; viu muitos pais de família conseguindo ganhar muito dinheiro trabalhando no garimpo, enriquecendo na época em que conseguiam achar com facilidade os diamantes, enquanto

outros não sabendo investir seu dinheiro perdiam tudo, deixando a família sem ter o que comer. Também viu mulheres venderem seus corpos para sobreviverem.

A memória individual desta personagem possibilitou que a mesma transmitisse para um grupo suas experiências vivenciadas na sociedade de Andaraí tempos passados, mostrando suas angustias, emoções, sentimentos entre outros, fazendo com que suas lembranças fossem construídas na memória coletiva deste grupo sobre o período descrito por Sinhá do Ouro. Sobre isso Le Goff (apud Bittencourt, 1997, p. 138) afirma que é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam na cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas, a memória esclarece o vínculo entre sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha.

Considerações Finais

Partindo das poucas produções acadêmicas direcionadas ao uso das obras literárias como um instrumento didático dentro do curso de História na Universidade do Estado da Bahia- Campus IV, e sua pouca utilização nas aulas de história, procurei desenvolver minha pesquisa mostrando que existem numa obra literária vestígios de um tempo histórico, que podem ser utilizados nas discussões em sala de aula.

Assim refleti sobre a importância do uso da Literatura como ferramenta a ser utilizada por professores de história dentro da sala de aula, evidenciando a relação existente entre Literatura e História. A partir da análise do livro *Cascalho*, são levantados pontos importantes da obra como a vulnerabilidade dos trabalhadores no garimpo, as relações de poder do Coronelismo, as transformações e contradições sociais, o Catolicismo Popular, e o Curandeirismo existente no início do século XX na cidade de Andaraí.

Os professores de história ao possibilitar ao aluno o acesso a esse tipo de fonte deve-se atentar para o fato de que nestas narrativas estão inseridas representações da realidade, que podem levar à compreensão de um determinado período, o que levaria ao entendimento da sociedade a partir de uma perspectiva prazerosa e eficaz.

Selva Guimarães (2004, p.149-156) argumenta que ao utilizarmos estas diferentes linguagens no processo de ensino de História, reconhecemos a estreita ligação entre saberes escolares e a vida social, e também a necessidade re(construirmos) nosso conceito de ensino e aprendizagem.

A obra “Cascalho” leva o professor a desenvolver métodos e técnicas que estimulem o aprendizado dos alunos, podendo-se extrair da mesma fragmentos relevantes que podem ser expostos durante as aulas

de história, relacionando-os com o conteúdo proposto no planejamento da aula.

Piaget afirma que “o que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor de soluções prontas; e passe a ser mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa” (1973.p, 16). É necessário que o professor deixe de lado o ensino tradicional, onde é o único a expor o conhecimento, e passe a dar espaço para que os alunos possam produzir e desenvolver seus próprios conhecimentos e expressões da realidade. Através da utilização da obra dentro das aulas de história, pode-se fazer uma contextualização com a realidade dos alunos, mostrando a importância do livro para compreender o passado e como determinadas questões podem ser discutidas na atualidade.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira. *Mulheres que matam: universo imaginário do crime no feminino*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sergio Millet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGA, J. M. F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: ANGELO, A. ET AL. *A prostituição em debate*. São Paulo: PAULINAS, 1982.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940)* / Edilece Souza Couto. – Assis, SP: UNESP, 2004.

ESPIN, Orlando O. *A Fé do Povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. Edições Paulinas. São Paulo, 2002.

FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e Tramas nas Minas de Ouro de Jacobina*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

FONSECA, Cláudia, (1997). *Ser mulher, mãe e pobre*. p, 510-553. In: M. Del Priore (org.); C. Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

GALVÃO, André Luiz Machado. *O Coronelismo nas narrativas de Wilson Lins: espaços de poder*. Feira de Santana, 2010, 120 p. Di Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). PPgLDC, UEFS, 2010.

GASPAR, Eneida D. *Guia de Religiões Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas:Unicamp, 1996.

LIMA, Marcia Machado. Literatura e identidade: Considerações acerca do Regional, *Revista Igarapé*, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 130-141, 2017. MACHADO, 2017 p.133.

MESQUITA, Fabio de Azevedo. A Veneração aos Santos no Catolicismo Popular Brasileiro: Uma Aproximação Histórico- Teológica . Vol. 9 *Revista Eletrônica Espaço Teológico* Vol. 9, jun, 2015.

MORAES, Aparecida F. *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis, vozes, 1985.

RÊGO, André Heráclio do. Família e Coronelismo no Brasil: uma história de poder. São Paulo: A Girafa Editora, 2008.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na História*. 1ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

SAFFIOT, Heleieth Iara Bongiovani. *Rearticulando gênero e classe social*. In: COSTA, A. de o. bruschini, c. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 183- 215,1992.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, S.S. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SALES, Herberto. *Cascalho*. São Paulo: Editora Gráfica, 2011.

SANTOS, Denilson Lessa. *Nas Encruzilhadas da Cura: Crenças, Saberes e Diferentes Práticas Curativas. Santo Antonio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940 – 1980)* – Dissertação de Mestrado. UFBA, Bahia, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2ed. São Paulo Companhia das letras, 2003.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de janeiro: Zahar, 1981.

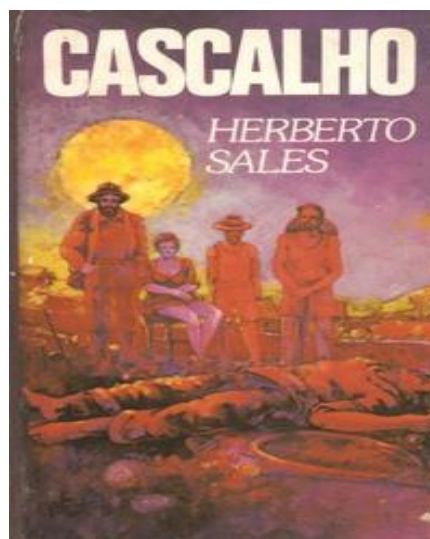
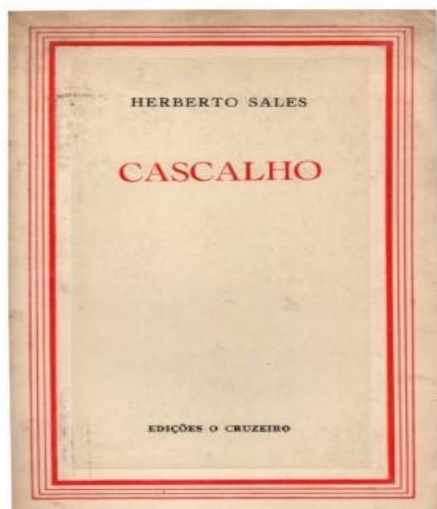
THOMPSON. E.P. *A formação da classe operaria inglesa*. Vol. 1, A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845-1880)*. Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZAMBONI, Ernesta e FONSECA, Selva Guimarães. Contribuição da literatura infantil para a aprendizagem de noções de tempo histórico: Leituras e Interpretações. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 339-353, set.-dez. 2010.

ANEXOS

Capas das edições do livro “Cascalho” do autor Herberto Sales.



]

